

DESAFIOS E APRENDIZADOS NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

PABLO PEREIRA GULARTE¹; ERNANDA DE OLIVEIRA GARCIA²; MARCELO S. DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – pablogpoa@gmail.com

²Colegio Estadual Cassiano do Nascimento – ernandagcia@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marcelosilva.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste relato, exploramos a importância do programa Residência Pedagógica (RP) no contexto da formação de futuros educadores no Brasil. O RP, uma iniciativa da CAPES, visa proporcionar aos estudantes de licenciatura a oportunidade de vivenciar a prática docente durante sua formação, preparando-os gradualmente para ingressar no ambiente escolar. O programa é organizado em ciclos, com o primeiro focando em estudos teóricos e o segundo voltado para a prática da docência sob a supervisão de professores preceptores.

A experiência pessoal do autor revela desafios e aprendizados com alunos do 4º ano, destacando a importância da construção gradual da autoridade e da adaptação às diferentes faixas etárias. Além disso, enfatizamos que a RP vai além das aulas convencionais, permitindo que os residentes participem de projetos extracurriculares e eventos escolares, ampliando seu repertório de métodos de ensino e abordagens pedagógicas.

Em conclusão, o RP desempenha um papel crucial na transição da vida acadêmica para a profissional, enriquecendo a formação dos futuros educadores e preparando-os para os desafios complexos da docência. A experiência adquirida durante a RP contribui para o crescimento pessoal e profissional, tornando os residentes mais autônomos e bem preparados para suas carreiras como professores.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007) e utiliza como fonte de dados os planejamentos semanais e registros de campo elaborados pelo residente bolsista, com a supervisão de sua preceptora e orientação de seu professor.

Realizou-se uma observação sobre todos os documentos e registros como planos de aula e diários de campo, a fim de realizar uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e processos de aprendizagens envolvidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O programa Residência Pedagógica (RP) é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação do Brasil, que tem o objetivo de introduzir os alunos da licenciatura no ambiente escolar durante o seu período de formação, ou seja, os licenciandos adentram as escolas para vivenciar a docência, e com a ajuda dos professores preceptores e orientadores, estudam sobre a teoria e prática docente, sobre os

procedimentos de ensino, sobre Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre os documento orientadores da política educacional do estado e município e sobre os próprios da área da Educação Física.

O planejamento do programa está organizado em ciclos, no primeiro, o programa tem ênfase nos estudos voltados à teoria docente, com a realização de debates e cursos, sobre métodos de ensino, criando assim base para que a entrada dos alunos nas escolas não seja de forma abrupta. Com essa formação bem consolidada, os residentes fazem seu primeiro contato com a escola, onde se é apresentada a estrutura e os responsáveis pelo funcionamento da escola.

No segundo ciclo, a ênfase é na prática efetiva da docência. Nesta edição do programa, iniciamos o ano letivo de 2023, com a inserção na escola, partindo para a prática com os residentes iniciando a atuar nas aulas sob a supervisão das professoras preceptoras. Com essa imersão acabam surgindo diversas dúvidas como:

Que tipo de postura devo ter em aula? Como resolver alguns dos conflitos entre os alunos? qual método eu consigo utilizar melhor para conseguir a atenção dos alunos? Que tipo de linguagem devo ter com eles, eu posso utilizar a mesma linguagem com uma turma de 6º e outra de 8º ano?

Essas dúvidas só ocorrem durante a prática docente, porque elas surgem em ocasiões não planejadas, por isso a Residência Pedagógica se torna tão importante durante o período de formação, e a presença dos professores preceptores é muito valiosa neste quesito, pois eles tendo sobre sua supervisão cinco alunos residentes, eles podem analisar se os alunos estão aptos para comandar uma aula ou ainda não estão, e com essa análise o preceptor pode ajudar o residente a sanar as dúvidas. Como cada turma é única a interação entre alunos, residentes e preceptores, também será única, isso faz com que alguns residentes comecem a prática docente mais cedo do que outros, pois vai do preceptor deixar e perceber que o residente está à vontade e apto para comandar uma aula sozinho.

Com relação à experiência desenvolvida, iniciamos o ano com uma turma do 4º ano, nos primeiros encontros fiquei apenas observando e auxiliando em algumas tarefas mais simples, como organização de materiais, organização dos alunos, entre outras coisas, mas mesmo apenas participando da aula da professora preceptora, desde o início ela me deixou bastante à vontade com a turma, que facilitou bastante no momento em que comecei a atuar sozinho, somente com a supervisão da professora.

A preceptora sempre me deu muita liberdade e autonomia para trazer as atividades e modalidades que eu gostaria de aplicar e testar em aula. O primeiro semestre atuei com o 4º ano, foi bastante divertido e desafiador, por conta de ainda não ter criado a minha autonomia de professor, por conta de não saber com aplicar uma voz ativa adequada, não ter o tato com os alunos de uma faixa etária menor, não saber lidar com as demandas que eles carecem do professor. Mas essa voz ativa, esse entendimento do como lidar com eles, vem a com tempo e a com prática.

E uma parte muito importante do RP é o estar dentro da escola, participar de eventos e projetos da escola, que muitas vezes não tem a ver diretamente com a aula especificamente, ao estar participando da rotina escolar fui convidado para comandar um projeto extracurricular de voleibol, com um time feminino e um masculino, essa foi uma oportunidade que como estudante de Educação Física normalmente não imaginava ter, por ficar muito focado na ideia de que as atividades estavam mais restritas as aulas, não percebendo que dentro da escola há muito material humano e vários projetos extracurriculares, onde podemos aplicar outros métodos e conhecimentos que gostaríamos de executar.

Com a entrada no projeto de vôlei, tive que me reinventar como professor novamente, pois o método de ensino, a demanda, a cobrança é diferente. Precisei aprender a me portar de duas formas, existiam dois professores, o professor do quarto ano que tinha uma fala mais amigável, mais brincalhão, mais compreensiva, com atividades mais lúdicas usando um método mais voltado para o global. E o professor/técnico dos times feminino e masculino de vôlei, que tinha uma fala mais firme, exigia mais dos alunos, que tem uma conversa mais de igual para igual mas sempre com uma certa cobrança, aplicando mais os métodos misto e analítico.

4. CONCLUSÕES

Concluindo posso afirmar que essa experiência me trouxe muitos frutos, não apenas a parte dos jogos, de ganhar campeonatos e etc, mas a parte da experiência didática, tive a oportunidade de aplicar dois tipos de métodos e didáticas bem diferentes um dos outros, assim aumentando o leque de conhecimentos e me tornando mais autônomo como professor. Por esse motivo, penso que essa introdução tecnicamente precoce à escola que o RP nos proporciona é muito valiosa, principalmente quando se trata da transição da vida acadêmica para vida profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Editora Artmed, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

SIMON, H.; KUNZ, E. O brincar como diálogo/pergunta e não como resposta à prática pedagógica. **Movimento**, Poerto Alegre, v 20, n.01, p.375-394, jan/mar de 2014

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A. 2003